

PMDB não deixa Ulysses negociar cinco anos

BRASÍLIA — O presidente da Constituinte, deputado Ulysses Guimarães, desistiu de tentar um acordo para aprovar o parlamentarismo e dar cinco anos de mandato ao presidente José Sarney. "Percebi que qualquer acordo sobre sistema de governo e mandato do presidente racha o PMDB", disse na noite de anteontem ao presidente do Senado, Humberto Lucena (PMDB-PB), presidencialista, que o recebeu em sua casa para uma conversa de 45 minutos.

Ulysses acrescentou que, afastada a hipótese de acordo, deixará que o plenário decida o sistema de governo e depois tentará solucionar a questão do mandato de Sarney, "pois os espíritos já estarão desarmados e as posições menos radicalizadas".

Consultas — Na semana passada, entre sexta-feira e domingo, Ulysses, conforme relato ao senador Humberto Lucena, ouviu constituintes, governadores do PMDB e ministros — dois deles militares e simpatizantes do parlamentarismo: da Aeronáutica, brigadeiro Moreira Lima, e do SNI, general Ivan de Souza Mendes. A grande resistência ao acordo que daria cinco anos a Sarney em troca do parlamentarismo partiu do líder do PMDB na Constituinte, senador Mário

Covas. Na madrugada do sábado, após quase quatro horas de conversa, Covas disse, em tom enérgico, que o partido seria esfaqueado.

No domingo, Ulysses encontrou-se com os governadores do Rio Grande do Sul, Pedro Simon, e do Rio, Moreira Franco, e com os ministros da Previdência, Renato Archer, e da Ciência e Tecnologia, Luiz Henrique. Recebeu apoio de Simon e Luiz Henrique. Moreira Franco e Archer repetiram Covas: o acordo dividiria o PMDB.

Busca de apoio — "Quando o Ulysses conversou com os ministros Moreira Lima e Ivan de Souza Mendes, buscava apoio para sua iniciativa na área militar", afirma o senador José Richa (PMDB-PR), defensor do parlamentarismo e do mandato de quatro anos. Mas é rebatido pelo líder do governo, deputado Carlos Sant'Anna (PMDB-BA): "Nunca existiu qualquer tentativa de acordo. Nem o doutor Ulysses nem o Planalto estavam trabalhando nesse sentido". Sant'Anna conversou ontem de manhã com o presidente Sarney. Traçou um quadro otimista, tanto favorável ao presidencialismo quanto aos cinco anos.

Para o senador José Fogaça (PMDB-RS), parlamentarista, "o acordo que o

doutor Ulysses tentou acabou não prosperando porque o Palácio do Planalto acha que vence no plenário". Disse que a desistência de Ulysses foi benéfica para o PMDB.

Impasse — Com o fracasso da tentativa de acordo, parlamentaristas e presidencialistas admitiram que o sistema de governo criará um impasse. Se nenhuma das emendas for aprovada, o plenário vai votar o texto da Comissão de Sistematização, que é parlamentarista. Aí residem as esperanças dos que defendem o governo de gabinete. Como serão necessários 280 votos para confirmar o texto da Comissão de Sistematização, os parlamentaristas acham que, na última hora, muitos presidencialistas mudarão seu voto.

Se o texto da Sistematização não obtiver os 280 votos, o regimento diz que o relator Bernardo Cabral terá 48 horas para tentar uma proposta de conciliação. A base do entendimento seria, então, a emenda do deputado Manoel Moreira (PMDB-SP), na verdade de autoria do próprio Ulysses e seus assessores especiais, Miguel Reale Júnior, com a supervisão do ex-ministro Raphael de Almeida Magalhães.

Lourenço diz por que governo não negocia

O líder do PFL, deputado José Lourenço, dava ontem à noite boas razões para o presidente José Sarney se negar a negociar seu mandato e o sistema de governo com o deputado Ulysses Guimarães. Lourenço, que tomara o café da manhã com Sarney, disse que sua contabilidade mostra 305 votos pelo presidencialismo, assim divididos: PFL-100; PMDB-120; PDT/PT-40; PDS-20; PTB-15; e 10 dos pequenos partidos. Em relação aos cinco anos de mandato, os números são mais apertados, totalizam 295 votos, assim discriminados: PFL-110; PMDB-140; PDS-20; PTB-15; e 10 dos pequenos partidos.

Lourenço disse que o presidente da República tem outros números, mas que também asseguram a vitória do presidencialismo e dos cinco anos. Ele acha que Sarney não pode mesmo negociar nada, porque ceder para o parlamentarismo equivaleria a entregar o governo imediatamente ao PMDB. "O PMDB detém a maioria do Congresso. Com o parlamentarismo, controlará o governo todo, vai esferdizá-lo, e o presidente ficará apenas como rainha da Inglaterra". Nesse caso, ainda segundo Lourenço, Sarney não vê nenhuma vantagem em adotar o parlamentarismo e preferir ir para o que se chama "bater voto". Vencendo o presidencialismo, Sarney conta com a força da vitória para obter os cinco anos.

Sarney diz que não articula acordo

BRASÍLIA — O presidente Sarney não vai participar de qualquer negociação para adoção do sistema parlamentarista de governo em troca do mandato de cinco anos que deseja, mas também não pretende impedi-lo. Sarney enviou essa informação ao presidente do PMDB e da Constituinte, deputado Ulysses Guimarães, por intermédio do ministro da Ciência e Tecnologia, Luiz Henrique, a quem recebeu durante café da manhã de uma hora e meia no Palácio da Alvorada;

— Não vou negociar nada. Não quero ser o responsável por uma solução ruim, mas também não quero atrapalhar — afirmou Sarney, conforme relato do ministro Luiz Henrique a um parlamentarista.

O ministro acenou ao presidente com a possibilidade do parlamentarismo a partir de janeiro do ano que vem. Em contrapartida à aceitação de divisão dos poderes com um primeiro-ministro, Sarney afastaria, definitivamente, o fantasma das eleições presidenciais este ano que não deseja sob hipótese alguma. O presidente não se interessou pela oferta, feita, segundo testemunha, em nome do PMDB, mas aproveitou a chance de reaproximação com o partido: elogiou o

deputado Ulysses Guimarães e mandou convidá-lo para um café da manhã hoje.

Sem diálogo — Durante toda a manhã e em outras conversas políticas Sarney mostrou-se irredutível: não quer saber de parlamentarismo e não aceita discutir fórmulas mistas de presidencialismo parlamentarizado. O deputado José Lourenço, líder do PFL na Câmara, esteve com ele e garante: "O governo não vai negociar coisa nenhuma". Segundo Lourenço, Sarney permanece na defesa intransigente do mandato de cinco anos em sistema presidencialista. O único aceno do governo à Constituinte é a aceitação pacífica do retorno às prerrogativas parlamentares nos termos das que foram asseguradas pela Constituição de 1946, disse José Lourenço.

— Não tem acordo — resumiu o líder do governo no Congresso, deputado Carlos Sant'Anna, que também esteve no Palácio da Alvorada participando de uma reunião de lideranças com Sarney.

A negociação está restrita, segundo Sant'Anna, aos grupos parlamentaristas e presidencialistas de forma isolada: os parlamentaristas conversam entre si e os presidencialistas fazem o mesmo. Sant'Anna disse a Sarney que os presidencia-

listas são majoritários e exibiu uma lista com nomes de 135 pemedebistas que, segundo ele, não aceitam o sistema de gabinete. Aliados ao PFL — José Lourenço acha que de 100 a 100 dos 132 membros da bancada pefelista são parlamentaristas — e com apoio do PDT e do PT, Sant'Anna não tem dúvidas de que da parcela do PMDB vai garantir a manutenção do presidencialismo.

— Temos duas trincheiras: numa estão os presidencialistas favoráveis a cinco anos e em outra os parlamentaristas que defendem mandato de quatro anos. Não há diálogo algum entre os grupos — diz o deputado Ibsen Pinheiro, líder do PMDB na Câmara.

Confiante na aprovação do presidencialismo, principalmente pela segurança dos votos do PT e do PDT, Sarney não vai ceder na negociação, revela um interlocutor do presidente. A fonte diz que Sarney acha que Ulysses só quer parlamentarismo para ser primeiro-ministro porque sabe, de antemão, que o PMDB terá dificuldades de eleger o próximo presidente da República. Mas Sarney disse ao interlocutor que não vai mais participar de qualquer projeto eleitoral dos pemedebistas.

Simon trabalha pelo entendimento

Brasília - Luciano Andrade

Na véspera da batalha entre parlamentaristas e presidencialistas, os chefes do Executivo e do Legislativo tentam mais uma vez o entendimento: o presidente da República José Sarney recebe hoje de manhã, no Palácio da Alvorada, para um café, o presidente da Constituinte, Ulysses Guimarães. "Hoje é o dia D para o entendimento", festejava ontem o governador Pedro Simon, do Rio Grande do Sul, o grande artífice do encontro que pode resultar numa fórmula de consenso que evite o buraco negro gerado pela falta de uma nítida maioria de um lado ou outro, o que faria a Constituinte retroceder um ano na discussão do sistema de governo.

No início da noite de ontem, exausto mas gratificado, Pedro Simon retornou a Porto Alegre, depois de uma maratona de 36 horas de conversa nos dois lados do front. Simon desembarcou na capital federal às 16h de sábado e rumou direto para a residência do ministro Renato Archer, da Previdência, amigo e vizinho de casa do presidente Ulysses Guimarães, que já aguardava Simon. Os três ficaram juntos, conversando, até tarde da noite.

Era meia-noite quando o ajudante-de-ordens do governador foi liberado para descansar — e Ulysses e Simon continuavam conversando, diante de Archer. "As sete e meia da manhã de domingo, quando o ajudante voltou lá, encontrou Ulysses tomando café com Simon", espantou-se um deputado da bancada gaúcha na Constituinte que não encontrara espaço na intensa agenda política de Simon.



Simon acha que chegou a hora certa para o entendimento

No domingo, juntou-se ao grupo o governador Moreira Franco, do Rio de Janeiro. No papel de pombo-correio, fazendo a ligação com o Palácio da Alvorada, outro ministro do PMDB e amigo de Ulysses: Luiz Henrique, da Ciência e Tecnologia. O único ministro gaúcho do governo, Paulo Brossard, da Justiça, que como Simon é parlamentarista e defensor do mandato de cinco anos, acabou acertando um almoço do governador do Rio Grande no Palácio do Alvorada, com Sarney, para ontem.

Com Ulysses e com Sarney, Simon encontrou um ponto em comum: "Existe uma ansiedade enorme, de todos os lados, de encontrar uma saída. E o momento exato para conversar é este. Na semana passada, com a eletricidade militar no ar, um encontro não seria tão produtivo. Agora, a falta de acordo obriga a uma conversa. E o caminho para o entendimento é deixar os dogmas de lado", explicou o governador.